

Perspectivas Globais e Principais Factores de Risco

| | Perspectivas Globais | Factores de Risco |
|-------------|--|--|
| Global | <p>. A economia global continua a evidenciar um crescimento robusto, beneficiando da atenuação de alguns factores de ordem política (sobretudo na Europa, embora espreitem de novo tensões geoestratégicas relevantes), de condições financeiras muito acomodáticas nos blocos desenvolvidos e da retoma do comércio internacional. Destacam-se pela positiva as economias europeias – desenvolvidas e emergentes – e também os países asiáticos, regiões onde o crescimento esperado para 2017 tem sido revisto genericamente em alta. A Zona Euro destaca-se favoravelmente, devendo o ritmo de crescimento este ano alcançar o patamar mais alto da década (2.2%).</p> <p>. As previsões mais recentes da OCDE apontam para um crescimento mundial de 3.5% este ano, com uma retoma do comércio e do investimento, a par da melhoria do contexto económico em alguns dos principais produtores de matérias-primas. O FMI prevê um crescimento ligeiramente superior, 3.6% (WEO Outubro).</p> <p>. O ritmo de crescimento dos preços tem vindo a normalizar nos países desenvolvidos, mas aquém do desejado pelas autoridades monetárias. No actual contexto, os movimentos cambiais, a evolução dos salários e o andamento dos preços das <i>commodities</i> energéticas, assume particular relevo.</p> | <p>. Os riscos para o cenário central estão actualmente mais equilibrados, mas pontuam ainda alguns factores negativos:</p> <p>. Brexit - consequências poderão ser mais gravosas se o processo conduzir ao reforço dos níveis de protecção. Até à conclusão do processo, agendado para início de 2019, a incerteza e o ruído político intensificar-se-ão, com consequências possivelmente mais notórias a partir de 2018.</p> <p>. Tensões políticas na Europa - possibilidade de convocação de eleições antecipadas em Itália, onde o partido populista 5 Estrelas poderá ganhar maior visibilidade. Em causa estará sobretudo o suporte ao projecto europeu; tensão política na Catalunha.</p> <p>. Sector bancário - apresenta-se ainda frágil, com destaque para Itália e Portugal, embora a nível doméstico se tenham registados progressos notórios nos últimos meses.</p> <p>. China - abrandamento pode surpreender, dados alguns desequilíbrios (endividamento interno, em particular das entidades públicas locais e recurso a <i>shadow-banking</i>).</p> <p>. Economias emergentes - o processo de normalização dos juros nos EUA poderá despoletar ajustamentos mais fortes nestas economias, estimulando fuga de capitais; possibilidade de nova queda dos preços de algumas <i>commodities</i>.</p> |
| EUA | <p>. Os EUA mantêm forte ritmo de crescimento. A actividade económica norte-americana manteve o ritmo de crescimento mais acelerado no 3ºT do ano, com o aumento do investimento e dos <i>stocks</i>, ao mesmo tempo que ocorreu um menor défice comercial relacionado com a diminuição do consumo provocado pelo período de furacões que fustigaram importantes estados norte-americanos. O PIB cresceu a uma taxa anualizada de 3.0% no período entre Julho e Setembro, depois da expansão de 3.1% no 2ºT (1.2% no 1ºT). E a situação do mercado de trabalho encontra-se muito próxima do pleno emprego. Em Outubro foram gerados 261 mil empregos e a taxa de desemprego caiu para 4.1%.</p> <p>. Entretanto, a Administração Trump apresentou o aguardado plano fiscal - The Cuts and Jobs Act - que será um importante instrumento de suporte económico. Os objectivos do plano são estabelecer um conjunto de cortes permanentes de impostos para empresas e indivíduos e simplificar o regime de deduções e créditos concedidos às famílias e empresas, eliminando ou reduzindo algumas das deduções agora previstas como forma de financiar a redução de impostos. Esperam-se efeitos repartidos ao longo de vários anos, com implicações positivas no crescimento económico, mais emprego e eventualmente reforço da inflação. Todavia tudo vai depender do plano concreto, que terá de passar pela aprovação do Congresso norte-americano, sendo também objecto de alterações.</p> | <p>. Protecçãoismo - o seu aumento poderá repercutir-se negativamente sob o crescimento americano, sendo bastante provável que medidas concretas tenham uma resposta de retaliação por parte dos países visados.</p> <p>. Estímulo orçamental - Em contrapartida, os planos de baixa de impostos e construção de infra-estruturas do presidente Republicano poderão propiciar um maior ritmo de crescimento à economia americana, embora este cenário seja possível de contestar pela falta de folga no mercado de trabalho; pelo contrário, as políticas de expansão poderão ser meramente inflacionistas, sem muito efeito no crescimento económico. Além disso, há um risco negativo, embora porventura não simétrico, de potencial de desilusão face à incapacidade de aplicação das políticas desejadas por parte da Administração.</p> <p>. Fed - Potencial instabilidade associada à alteração do ciclo de política monetária poderá gerar incerteza nos mercados financeiros, com impacto adverso sob os níveis de confiança e actividade.</p> |
| Japão | <p>. No comité de política monetária de Outubro, o Banco do Japão reviu em ligeira alta a estimativa para o crescimento do PIB em 2017, colocando-a em 1.9%, +0.1 p.p. do que o esperado em Julho; para 2018 e 2019 manteve as previsões em 1.4% e 0.7%, respectivamente. Mas no que se refere ao comportamento esperado da inflação subjacente, as revisões foram mais significativas e em sentido oposto, ie, a previsão para 2017 foi reduzida em 0.3 p.p. para 0.8% e em 2018 foi revista em -0.1 p.p. para 1.4%. O menor optimismo quanto ao comportamento da inflação sugere que a autoridade monetária do Japão não seguirá tão cedo os passos já dados primeiro pela Reserva Federal norte-americana e, mais recentemente, pelo Banco Central Europeu, de retirada gradual dos estímulos monetários.</p> <p>. Em Outubro, o indicador PMI compósito aumentou para 53.4 de 51.7 em Setembro, traduzindo, essencialmente, melhorias na procura externa resultantes do fortalecimento da economia global, mas também reflexo da depreciação do iene, incrementando a competitividade dos bens e serviços nipónicos. A expansão da actividade é evidente tanto no sector das manufacturas como dos serviços, e sugere que o crescimento manter-se-á robusto nos últimos meses do ano.</p> | <p>. Os riscos são nos dois sentidos, mas mais enviesados em sentido descendente. Instabilidade geopolítica poderá reflectir-se em movimentos de fuga para a qualidade com efeitos na apreciação do iene e deterioração das exportações; turbulência nos mercados financeiros ou desequilíbrios na economia chinesa poderão também afectar a economia nipónica. Em sentido positivo, salienta-se a pujança da procura global e a possibilidade de prolongamento da política fiscal expansionista em 2018.</p> |
| Reino Unido | <p>. No último relatório de inflação, o Banco de Inglaterra reviu em ligeira baixa as expectativas de crescimento para o corrente ano e para os próximos. Em 2017-18, as previsões da autoridade monetária apontam para que a economia avance 1.6%; esperando uma ligeira aceleração em 2019 para 1.7%. Neste período, a taxa de inflação permanecerá acima do objectivo de 2% do banco central, ie em 3% em 2017, 2.4% em 2018 e em 2.2% em 2019. Nesse cenário, a autoridade monetária decidiu aumentar a taxa directora para 0.5%, mais 25 p.b do que o anterior nível, deixando em aberto a possibilidade de novas subidas. Com efeito, o seu governador afirmou que mais dos subidas de 25 p.b nos próximos três anos é um cenário consistente com as previsões de evolução da inflação.</p> | <p>. Brexit - As perspectivas apresentam-se enviesados em sentido negativo, reflectindo os efeitos associados à negociação da saída do Reino Unido da União Europeia.</p> |

Perspectivas Globais e Principais Factores de Risco (cont.)

| Zona Euro | Perspectivas Globais | Factores de Risco |
|-------------------|---|--|
| Zona Euro | <p>. Economia em 2017 - O ritmo de crescimento económico na área do euro em 2017 deverá ser superior ao observado no ano transacto, suportado pela procura doméstica. A actividade económica deverá tirar partido dos efeitos de algumas das políticas de impulso do ano passado, nomeadamente as condições financeiras mais favoráveis e preços do petróleo relativamente baixos, aos quais se junta a recuperação gradual do mercado laboral e as condições de acesso ao crédito bancário mais favoráveis. A este dinamismo alia-se a melhoria da confiança dos agentes económicos, em linha com um contexto em que os riscos para o crescimento económico são agora mais equilibrados.</p> <p>. Inflação - A inflação homóloga deverá reflectir um comportamento mais benigno na segunda metade do ano, sendo provável que atinja taxas mais baixas do que as registadas nos primeiros meses de 2017 (em Outubro, a taxa de inflação homóloga, de acordo com a estimativa do Eurostat, diminuiu para 1.4%, face a 1.5% em Setembro; a inflação core também diminuiu para 1.1%, face a 1.3% no mês anterior). Ainda assim, deverá registar para o total do ano níveis mais favoráveis do que os registados no passado recente. O comportamento dos preços será determinante para moldar as expectativas de mercado relativamente à política do BCE.</p> | <p>. Continuação do processo de retirada dos estímulos do BCE, com potencial impacto nos mercados de dívida soberana e custos de financiamento dos Estados.</p> <p>. Questões de ordem política interna: instabilidade política em Espanha, devido à situação na Catalunha; possibilidade de eleições antecipadas em Itália onde ressurgiu o apoio a movimentos mais extremistas e isolacionistas; negociações e efeitos do referendo britânico;</p> <p>. Factores de incerteza global: Administração Trump; normalização monetária nos EUA; desaceleração da actividade económica na China; instabilidade política na Turquia; conflito EUA-Coreia do Norte.</p> <p>. Adiamento na resolução de questões relacionadas com o sector bancário.</p> <p>. Pela positiva: efeitos do programa do QE; potenciais efeitos positivos decorrentes de políticas mais expansionistas que o esperado nos EUA (política orçamental).</p> |
| Portugal | <p>. O Banco de Portugal actualizou as projecções para o crescimento do PIB em 2017, mantendo a taxa de expansão em 2.5%, mas revendo o desempenho das diversas componentes. O ritmo de expansão das exportações em 2017 foi revisto para 7.1%, traduzindo a expectativa de um crescimento menos forte no actual semestre reflexo de factores que afectaram o comportamento desta variável no 2S16 e 1S17.</p> <p>. Os últimos indicadores continuam a suportar um cenário de aceleração e consolidação da actividade económica, sugerindo que o PIB terá mantido um ritmo de crescimento muito próximo de 2.5% (y/y) no terceiro trimestre. Em Setembro, a confiança dos consumidores retomou a tendência de melhoria interrompida em Julho, aumentando para 4.4 pontos; no mesmo sentido evoluiu o sentimento nos sectores do comércio e da indústria transformadora, salientando-se, neste último, a melhoria das perspectivas quanto ao andamento da produção nos próximos três meses e a avaliação mais positiva da procura global. Em simultâneo, os indicadores de actividade relativos a Setembro registaram também uma melhoria, realçando-se a aceleração das vendas a retalho e a permanência da tendência de expansão da produção industrial. Ao nível da Balança Corrente e de Capital, entre Janeiro a Agosto verificou-se uma diminuição do saldo em 21.8% em termos homólogos. Concorreu para esta evolução uma degradação em 17.9% do saldo homólogo da balança de bens e serviços. Ainda assim, na bal. de serviços, a actividade turística registou uma evolução positiva: o saldo da bal. turística registou um acréscimo homólogo de 21%.</p> <p>. O mercado de trabalho continua a evoluir de forma muito favorável, com a taxa de desemprego a atingir 8.5% no 3T do ano (8.8% no 2T17 e 10.5% no 3T16); a população desempregada diminuiu, em termos homólogos, 19%, prolongando a trajectória de queda iniciada no 3T de 2013. A criação de emprego continua a registar taxas homólogas próximas de 3%, destacando-se o sector dos serviços.</p> | <p>. Tapering pelo BCE - O risco mais premente prende-se com uma futura redução dos estímulos do BCE em termos de compras de dívida pública, que poderá implicar uma degradação da avaliação do risco da dívida portuguesa, com implicações nos gastos em juros, mas também na dinâmica da economia, com particular incidência no investimento. Estima-se que as aquisições de dívida pelo BCE tenham representado cerca de 66% das colocações de nova dívida pelo Estado, em 2016, tendo esta proporção recuado para próximo de 35% nos primeiros meses de 2017.</p> <p>. Envolvente externa - A envolvente financeira global pode deteriorar-se e regressar um ambiente de maior aversão ao risco, com potenciais implicações negativas nos custos de financiamento do Tesouro português e das empresas nacionais. Recorde-se que as necessidades de financiamento públicas permanecem avultadas.</p> <p>. Pela positiva - Uma eventual alteração da notação de <i>rating</i> por mais uma agência de rating teria um efeito propulsor significativo, na medida em que permitiria a ancoragem dos custos de financiamento em níveis mais confortáveis. Depois da melhoria do outlook da Fitch, a probabilidade de uma melhoria do mesmo pelas restantes agências aumentou, atendendo igualmente à redução de desequilíbrios (menor dívida das famílias, resolução gradual dos problemas na banca, excedente externo sustentado, superavit público primário, maior robustez no crescimento económico).</p> |
| América Latina | <p>. O FMI espera que a economia da região avance 1.2% e 1.9% em 2017 e 2018, respectivamente. Os cenários traçados estão sujeitos a elevado grau de incerteza, estando os riscos especialmente enviesados em sentido descendente.</p> <p>. Brasil - O FMI antecipa um crescimento de 0.7% e 1.5% em 2017 e 2018, respectivamente, beneficiando da recuperação do preço de algumas matérias-primas, e do alívio das condições financeiras associada a redução da taxa <i>Selic</i>. O comportamento mais benigno da inflação também terá um impacto positivo no rendimento disponível das famílias, favorecendo o consumo.</p> <p>. No Brasil destaca-se que o PIB cresceu 0.2% qoq no 2T e que a taxa de desemprego caiu para 12.5% em Agosto (no final do 1T estava em 14%), dando suporte ao consumo privado. A produção industrial caiu 0.8% mom em Agosto, mas aumentou 2.9% yoy, destacando-se o facto de a produção de bens de capital continuar a evoluir favoravelmente, sugerindo melhoria das perspectivas para o investimento.</p> | <p>. O Brexit poderá influenciar negativamente, via queda da confiança dos agentes económicos.</p> <p>. Política monetária de suporte - Pela positiva destaca-se o ciclo de redução das taxas de juro de referência no Brasil, atribuindo-se alguma probabilidade que se revele mais forte do que antecipado inicialmente.</p> |
| África Subsariana | <p>. Economia em 2017 - O FMI espera que o crescimento económico atinja 2.6% este ano, o que compara com 2.7% em Julho. A recuperação deverá assentar, essencialmente, em factores pontuais, especialmente a recuperação da produção petrolífera na Nigéria, um alívio das condições de seca que afectam as regiões oriental e sul da África Subsariana e uma melhoria do contexto internacional. Nota ainda para o facto de a recuperação económica em alguns países estar a ser suportada por gastos públicos, aumentando os níveis de dívida e o custo com o serviço de dívida.</p> <p>. Angola, por seu lado, continua a adaptar-se com alguma dificuldade ao cenário de preços do petróleo relativamente mais baixos, com efeitos nefastos para a economia não-petrolífera resultantes da escassez de receitas. Reflexo desses efeitos da diminuição dos preços do petróleo tem sido a evolução das reservas internacionais líquidas, que atingiram USD 15.1 mil milhões em Setembro. O FMI projecta uma taxa de crescimento do PIB de 1.5% em 2017, após uma contracção em 2016 de -0.7%.</p> | <p>. Ajustamento face à nova normalidade de preços baixos das commodities - No caso dos países exportadores e produtores de matérias-primas, a actividade económica deverá ser ainda afectada pela necessidade de medidas mais restritivas ao nível fiscal.</p> <p>. China - Ritmo e implicações do ajustamento do modelo de crescimento económico chinês; lento crescimento económico em economias avançadas.</p> <p>. Clima - Possibilidade de condições climáticas adversas.</p> <p>. Possibilidade de aumento da aversão global ao risco e turbulência nos mercados financeiros.</p> <p>. Fed - Aumento das taxas de juro nos EUA e fuga de capitais da região.</p> <p>. Incerteza política em algumas economias da região, levando a adiamentos na implementação de reformas estruturais essenciais.</p> <p>. Níveis elevados de dívida pública e preocupações com a sua sustentabilidade; eventual impacto no sistema financeiro.</p> |

Mercado Financeiro - Principais tendências e factores de risco

| | Principais tendências | Factores de Risco |
|--------------------------|---|--|
| Mercado Cambial | <p>. USD & EUR - Depois do EUR/USD ter alcançado 1.2092, o valor máximo em quase três anos, ocorreu um normal movimento de correcção que trouxe o câmbio âncora para 1.16. Perante a proximidade do final do ano, o mercado deverá estar já a fechar posições cambiais em aberto que, até há bem pouco tempo privilegiavam o euro contra o dólar (posições longas em euros e curtas em dólares). Entretanto, surgiram factores que deram mais suporte ao USD: o bom andamento económico; a perspectiva de subida dos juros em Dezembro; a redução gradual do balanço da Fed; e a apresentação do plano fiscal elaborado pela Administração Trump. No EUR, por seu turno, tem pesado uma política monetária ainda bastante expansionista e a perspectiva de remoção das medidas e taxas de juro muito lenta, no contexto de um novo ciclo. É possível que 1.15 seja uma referência psicológica importante.</p> <p>. CHF & GBP - Embora permaneça volátil, o EUR/GBP construiu um intervalo de variação mais contida nas últimas semanas, entre 0.87 e 0.90. Há uma nítida perda de tendência, que acompanha uma aparente estagnação do processo de Brexit; o EUR/CHF, por sua vez, tem sido mantido acima dos 1.15 pelo banco central helvético, que não permite movimentos de pressão de apreciação do CHF.</p> | <p>. Desilusão relativamente a atitudes e acções esperadas pelos principais bancos centrais.</p> <p>. Decepção ou surpresas positivas com a evolução económica em alguns blocos.</p> <p>. Questões políticas e geopolíticas podem enviesar determinadas tendências cambiais.</p> <p>. O Brexit deverá ter consequências mais vastas (e incertas) para além do espaço do Reino Unido, embora o processo se mostre longo e imprevisível.</p> <p>. A política da Administração Trump acarreta incerteza.</p> <p>. Colocam-se ainda questões ao nível do crescimento mundial, do comércio, da evolução da inflação, do comportamento dos preços das matérias-primas, etc...</p> <p>. Os recentes ensaios nucleares efectuados pela Coreia do Norte estão a gerar um clima de grande incerteza à escala mundial.</p> |
| Mercado Monetário | <p>. BCE - As taxas directoras não se alterarão ao longo de 2017, pelo que atribuímos uma elevada probabilidade a que as taxas de mercado se mantenham em terreno negativo também em 2018. As taxas de juro implícitas nos futuros da Euribor a 3 meses apontam para que estas se situem em torno de -0.33% no final de 2017.</p> <p>. Fed - na reunião de final de Outubro, a Reserva Federal manteve o intervalo da taxa dos <i>fed-funds</i> em 1-1.25%; até ao final do ano poderá ocorrer mais uma subida de 25 pontos base, concretamente no FOMC de Dezembro. O mercado está a atribuir uma probabilidade em torno de 90% a esta ocorrência.</p> <p>. Em Outubro, o BCE anunciou alterações ao programa de compra de activos de longo prazo. A partir de Janeiro de 2018, as compras líquidas de activos manter-se-ão, mas ao ritmo mensal de EUR 30 mil milhões até final de Setembro (uma redução para metade do montante actual); a Fed iniciou a redução gradual do seu balanço através da diminuição de 10 mil milhões de USD dos reinvestimentos de <i>Treasuries</i> e MBS.</p> | <p>. Na zona euro, as taxas de curto prazo encontram-se em terreno negativo em todos os prazos, mantendo-se a tendência de estabilização. O risco de um aumento substancial não esperado das taxas de mercado é reduzido.</p> <p>. Nos EUA, a expectativa de um terceiro aumento da taxa directora este ano volta a ser uma possibilidade. Em 2018 há maior incerteza quanto à concretização dos três aumentos implícitos nas previsões da Fed.</p> |
| Dívida Pública | <p>. Dívida benchmark - As <i>yields</i> dos títulos de referência mantêm-se em níveis reduzidos. A lenta retirada dos estímulos monetários e a permanência da inflação abaixo dos níveis considerados óptimos pelos bancos centrais justificam a manutenção das <i>yields</i> em níveis reduzidos. Os factores fundamentais continuam a suportar um cenário de perda de valor no mercado de taxa fixa, mas é preciso que este cenário ganhe tração. Num cenário de curto-médio prazo continuamos a considerar que as <i>yields</i> do UST a 10 anos se aproximem de 2.5% no caso do UST 10 anos e que a do Bund com o mesmo prazo se aproxime de 0.5%-0.60%.</p> <p>. Mercados periféricos - O ambiente de menor aversão ao risco e baixos níveis de rentabilidade continua a reflectir-se em maior apetência pela tomada de risco, favorecendo o recuo das <i>yields</i> dos países da periferia do euro, com destaque para o prémio de risco da dívida pública portuguesa a 10 anos, que está nos 170 pontos base face ao título alemão.</p> | <p>. Existem riscos em ambos os sentidos: no curto prazo se a inflação continuar a desapontar pode-se-ão observar novos aumentos dos preços dos principais títulos; mas no médio prazo continuam a estar enviesados no sentido de queda dos preços dos títulos de taxa fixa superior ao esperado, dadas as boas perspectivas de crescimento a nível mundial, com destaque para a zona euro.</p> <p>. Nos países da periferia o risco de agravamento dos prémios de risco exigidos mantém-se, sobretudo se se observar algum evento desfavorável inesperado, nomeadamente no sector financeiro. Em Portugal e nos países periféricos mais vulneráveis, a redução esperada das compras pelo BCE poderá reflectir-se no agravamento do prémio de risco. Os países com maiores necessidades de financiamento do sector público, tidos como mais vulneráveis estruturalmente, continuam sujeitos e dependentes do grau de aversão ao risco nos mercados financeiros internacionais.</p> |
| Acções | <p>. As bolsas europeias encontram-se em níveis máximos do ano, ou na sua proximidade, considerando a aceleração da actividade económica; ao mesmo tempo, os mercados bolsistas europeus parecem beneficiar do cenário de menor risco político, finalizado o ciclo eleitoral europeu com as eleições na Alemanha, reflectido igualmente nos indicadores de volatilidade. Contudo, apesar do momento positivo, há factores que podem contribuir para movimentos de correcção.</p> <p>. A performance americana está condicionada pelas expectativas em torno do plano económico de Trump, que assenta no investimento em infra-estruturas, na expansão fiscal, diminuição dos impostos às empresas e alívio da regulação. Os sectores mais tradicionais estão ser os mais beneficiados, incluindo indústria mineira e serviços financeiros.</p> <p>. Recentemente têm vindo a intensificar-se os receios relativamente ao grau de alavancagem real do sector empresarial norte-americano, receios que, caso se intensifiquem, poderão originar uma correcção no mercado bolsista.</p> | <p>. O processo de normalização da política monetária por parte da Fed num contexto de alavancagem significativa em alguns sectores, pode levar os investidores a afastarem-se para outros mercados.</p> <p>. Questões políticas e geopolíticas, com destaque para a incerteza política nalguns países europeus, nomeadamente o processo de negociação da saída do Reino Unido da União Europeia. Recentemente, a afirmação da Coreia do Norte como potência nuclear está a gerar preocupação a nível mundial. Estas questões podem aumentar a volatilidade e a aversão ao risco.</p> <p>. Desenvolvimentos no sector bancário europeu.</p> <p>. Desaceleração económica na China.</p> <p>. Actuação dos bancos centrais mundiais.</p> <p>. Perspectivas positivas para os resultados empresariais.</p> <p>. Cenário de novas quedas dos preços das matérias-primas.</p> |

Mercado Financeiro - Principais tendências e factores de risco

| Principais tendências | Factores de Risco |
|---|---|
| Commodities <ul style="list-style-type: none">. A perspectiva é de consolidação da recuperação dos preços, suportada no reforço da actividade dos principais blocos económicos, que deverão ver normalizado o seu crescimento, num contexto de maior equilíbrio financeiro, mais inflação e mais comércio. É de contar ainda com a correcção da oferta sentida nalguns produtos, nomeadamente no mercado da energia.. No mercado do petróleo, os preços mais firmes foram alcançados através do acordo efectuado entre os países da OPEP mais a Rússia com vista à redução da produção diária. Acordo que foi prolongado até Março de 2018, com perspectiva de perdurar ao longo do ano. Aparentemente, o mercado mostra-se tendencialmente mais equilibrado.. O aumento das expectativas de mais inflação pode inverter o interesse dos investidores e fazer regressar a procura em ouro, nomeadamente ou nível de operações de carácter mais especulativo.. Também os preços dos produtos agrícolas estão sujeitos ao regresso dos especuladores, caso se comece a desenhar uma tendência de subida dos preços. | <ul style="list-style-type: none">. O maior ou menor impulso económico nos EUA e a situação económica da China, num processo de grande transformação, são de grande relevância para a totalidade dos mercados de matérias-primas dado o seu importante papel como produtores e consumidores.. A eficácia do acordo conseguido entre os membros da OPEP mais a Rússia, com vista à redução da produção para níveis mais próximos da procura, não está ainda comprovada (existem dúvidas por parte do mercado).. A tensão provocada pelos testes nucleares da Coreia do Norte configura-se o factor geopolítico mais significativo, com consequências imprevisíveis.. No Reino Unido, o Brexit acrescentou incerteza e indefinição aos mercados. |